

O projeto expositivo de circulação constrói quatro exposições com obras da Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE), em depósito no Centro de Arte Contemporânea de Coimbra (CACC), as novas aquisições (2019-2022) da CACE,obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos e da Coleção António Cachola. “Um silabário por reconstruir” projeta-se em quatro lugares e momentos: Coimbra, no CACC e Sala da Cidade - Antigo Refeitório do Mosteiro de Santa Cruz, fevereiro a maio de 2025; Elvas, no Museu de Arte Contemporânea (MACE), julho a outubro de 2025; Óbidos, na Galeria Nova Ogiva, dezembro de 2025 a fevereiro de 2026 e Porto, na Culturgest, março a maio de 2026.

Pela diversidade dos quatro espaços, em cada lugar desenha-se uma exposição com um núcleo central de peças que epitomam os aspetos centrais do projeto, às quais são acrescentadas obras em função da arquitetura e do desenho expositivo de cada um dos espaços, mas também da participação dos quatro co-curadores jovens que fazem equipa com o curador e autor do projeto. O projeto curatorial é pensado a partir do universo literário por dois motivos. O primeiro, ligado ao tema eleito, que apresenta obras demonstrativas de um trânsito entre o visível e o dizível (a imagem e a palavra), o outro motivo decorre da inclusão do conceito de narratividade (a condição para a presença de um potencial narrativo nas obras) no sentido em que é criada uma narrativa principal, comum aos quatros espaços, a que se juntam narrativas encaixadas, com peças diferentes em cada um dos lugares.

As obras compreendem um largo período temporal, desde os anos de 1950 até 2023, de artistas das mais

O projeto expositivo de circulação constrói quatro exposições com obras da Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE), em depósito no Centro de Arte Contemporânea de Coimbra (CACC), as novas aquisições (2019-2022) da CACE,obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos e da Coleção António Cachola. “Um silabário por reconstruir” projeta-se em quatro lugares e momentos: Coimbra, no CACC e Sala da Cidade - Antigo Refeitório do Mosteiro de Santa Cruz, fevereiro a maio de 2025; Elvas, no Museu de Arte Contemporânea (MACE), julho a outubro de 2025; Óbidos, na Galeria Nova Ogiva, dezembro de 2025 a fevereiro de 2026 e Porto, na Culturgest, março a maio de 2026.

Curadoria: José Maçãs de Carvalho e Inês Pinto de Faria

variadas gerações (nascidos na década de 1910 até 1990); para além de integrarem todos os suportes formais e géneros: desenho, pintura, escultura, fotografia, vídeo, instalação e performance.

Em algumas das peças, a leitura narrativa é sugerida de forma evidente quando os artistas usam marcas da língua inscritas na pele da imagem, colocando em marcha uma aparente tensão entre a imagem pura e a presença desestabilizadora da palavra, noutras obras há marcas de línguas em potência (desenho de uma escrita primitiva), entre a pura visualidade e uma provável semântica. Da mesma forma, se apresentam obras cuja naratividade surge de aspetos formais no plano da representação (encenação de gestos ou comportamentos reconhecíveis e identificáveis com micronarrativas, na maioria dos casos, vindas do quotidiano) ou mesmo de elementos paratextuais (a própria legenda como indutora de uma leitura narrativa, o título ou outros elementos secundários da obra).

Na Galeria Nova Ogiva, em Óbidos, reúnem-se obras contemporâneas pelo mote da reconstrução de um imaginário comum. Como sílabas que se compõem, por aglutinações e intervalos, em compreensão una, é criado uma trama de narrativas cruzadas. O percurso traça um movimento em espiral: partimos dos símbolos para a imagem, dela transitamos ao objeto até ao seu reflexo, que nos transporta de retorno aos símbolos. O reflexo como duplicidade de sentido, que nos devolve o que está representado e o regresso ao início, pelo caminho já conhecido.

Pela floresta de formas até às imagens claras, incorpora-se o espectador pelas várias vertentes que delimitam

uma narrativa. Em iniciação, parte-se da linha à mancha, a palavra não surge escrita, mas sim demonstrada no ato de desenhar ou escrever, sente-se a corporalidade do movimento como expressão. Contrastam-se possíveis histórias e levezas entre as susensões das linhas e das entranhas sintéticas, até à rigidez de uma caixa como túmulo.

Num virar de costas, sobe-se à divisão doméstica onde se recordam os entes familiares e o que se extrai dessas relações íntimas, pequenos registos de almas e da sua comunicação, hábitos e saberes que se partilham à volta de uma mesa, dos encontros e conversas possíveis em refeição. São deixados vestígios de vivências e máscaras, fatos que diluem o ser na normalidade. O cenário do dia-a-dia, da busca do equilíbrio entre o controlável e o inevitável, entre as perceções e o real.

No último piso, ao olharmos as esculturas como reflexos da humanidade, os cortes e atravessamentos corporais levam às avaliações cognitivas e comportamentais, a manipulação do espaço exterior na procura da neuroimagem. Finalmente, somos confrontados pela voz em expressão de silenciamento e é evocado um corpo na sua ausência, impostor profusamente espelhado, um corpo fragmentado como último alfabeto.

Numa galeria em si mesma obra de arte, são instaladas obras que integram narrativas, que se relacionam e contrastam, para uma construção coletiva de sentido. Como num silabário que se aprende e se reescreve, somos convidados a apropriar e a compor sentidos, a reconstruir estas memórias e a participar na criação de uma linguagem múltipla, comum, agregadora e infinitamente em aberto.

Alice dos Reis
Andreia Santana
Bruno Zhu
Cristina Ataíde
Daniela Krtsch
Dayana Lucas
Eduardo Batar da
Fernão Cruz
Francisco Tropa
João Penalva
Jorge Molder
José Pedro Croft
Luísa Cunha
Mané Pacheco
Noé Sendas

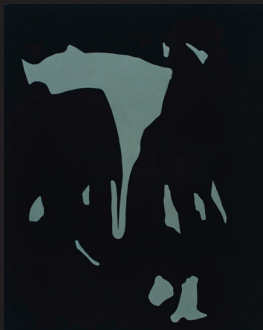
13 DEZ 2025 — 15 FEV 2026
GALERIA NOVAOGIVA

<sup>[1]</sup> (...) Eu disse-te que a arte é o anzol que fere a morte, /que luta com ela, deixa vestígio, /um silabário por reconstruir. (...)”, Luís Quintais, A noite imóvel, Assírio & Alvim, Lisboa, 2017, pág. 146.

# SYLLABARY TO RECONSTRUCT

2

Luis Quintais: "I told you art is the hook that pierces death, / that battles it, leaves a trace, / a syllabary to reconstruct. (...). Luis Quintais, *A noite imóvel*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2017, pág. 146.



Eduardo Batarida (Portugal, 1943 - 2025)  
Suy Cheesee  
Acrílico s/ tela e verniz  
/ Acrylic on canvas and varnish  
162,5 x 130,5 cm  
2000  
Coleção de Arte Contemporânea  
do Estado em depósito no Centro  
de Arte Contemporânea de Coimbra  
/ Portuguese Contemporary Art Collection  
on deposit at Coimbra Contemporary  
Art Center

The exhibition project unfolds across four venues, bringing together works from the Portuguese Collection of Contemporary Art deposited at the Coimbra Contemporary Art Center (CACC), new acquisitions (2019-2022) of the same collection, as well as works from the Caixa Geral de Depósitos Collection and the António Cachola Collection. Um silabário por reconstruir [A Syllabary to Reconstruct] is structured in four chapters across different locations and times: Coimbra, at CACC and Sala da Cidade - the former refectory of the Monastery of Santa Cruz - from February to May 2025; Elvas, at the Museum of Contemporary Art, from July to October 2025; Óbidos, at Galeria Nova Ogiva, from December 2025 to February 2026; and finally, Porto, at Culturgest, from March to May 2026.

Each chapter engages with the specific spatial and architectural conditions of its host site. The exhibitions share a core group of works that reflect the central concepts of the project while incorporating additional

pieces tailored to each context. This adaptive curatorial process is shaped in collaboration with four young co-curators who work alongside the lead curator and project author. At its core, the project is informed by a literary framework for two reasons. The first is conceptual: it focuses on works that move between the visual and the verbal, between image and text. The second involves the notion of narrativity, weaving a main narrative thread common to all four spaces while developing embedded narratives through site-specific selections of works.

The exhibition spans works created between the 1950s and 2023, representing multiple generations of artists (born from the 1910s to the 1990s). It incorporates diverse media and genres, including drawing, painting, sculpture, photography, film, installation, and performance.

In several pieces, narrative is explicitly suggested. Some artists inscribe language directly onto the image, creating an intentional tension be-

tween visual purity and the disruptive presence of text. Others present traces of language in a more latent form—primitive script-like marks on the verge of meaning, oscillating between visibility and a possible semantics. In some works, narrative emerges from recognisable gestures or scenes, evoking micro-narratives rooted in everyday life. Elsewhere, it is suggested through paratextual elements, such as titles or captions, which prompt specific readings.

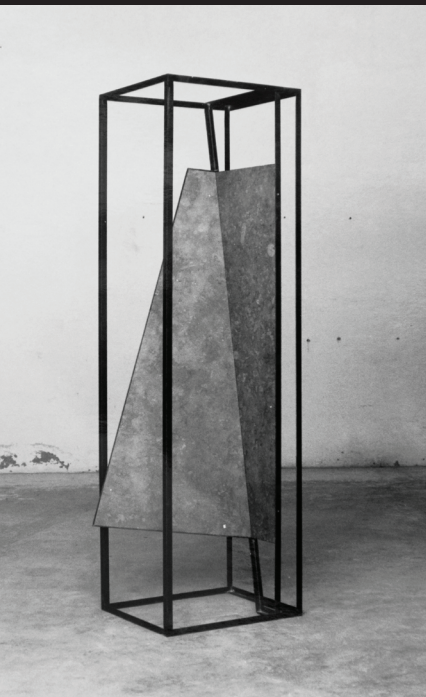
At Galeria Nova Ogiva, in Óbidos, contemporary works are brought together under the theme of reconstructing a common imaginary. Like syllables that come together, through agglutination and intervals, in a single understanding, a web of intertwined narratives is created. The journey traces a spiral movement: we start from symbols to images, from there we move on to the object and its reflection, which transports us back to the symbols. The reflection as a duplication of meaning, which returns to us what is represented and the re-

turn to the beginning, along the already known path.

Through the forest of forms to clear images, the spectator is incorporated through the various strands that delimit a narrative. In initiation, we start from the line to the stain, the word does not appear written, but rather demonstrated in the act of drawing or writing, the physicality of movement is felt as expression. Possible stories and lightness contrast between the suspensions of lines and synthetic entrails, to the rigidity of a box like a tomb.

Turning our backs, we ascend to the domestic division where we remember family ties and what is extracted from these intimate relationships,

Daniela Krsch (Alemanha, 1972)  
Fathing Youth II  
Óleo s/ tela / Oil on canvas  
200 x 120 cm  
2018  
Coleção de Arte Contemporânea do Estado - CACE  
/ Portuguese Contemporary Art Collection



Cristina Ataíde (Portugal, 1951)  
Caixa III / Box III  
Ferro e calcário / Iron and limestone  
200 x 50 x 60 cm  
1990  
Coleção da Caixa Geral de Depósitos - Culturgest  
/ Caixa Geral de Depósitos - Culturgest Collection



Noé Sendas (Bélgica, 1972)  
Versus (Contra)  
Instalação, figura-escultura, banco de piano  
e 39 espelhos  
/ Installation, figure sculpture,  
piano bench and 39 mirrors  
Dimensões variáveis / Variable dimensions  
2005  
Coleção António Cachola - MACE  
/ António Cachola Collection

small records of souls and their communication, habits and knowledge shared around a dinner table, encounters and conversations possible over a meal. Traces of experiences and masks are left behind, costumes that dilute the self into normality. The everyday scenario, the search for balance between the controllable and the inevitable, between perceptions and what is real.

On the top floor, as we look at the sculptures as reflections of humanity, the cuts and bodily crossings lead to cognitive and behavioural assessments, the manipulation of the exterior space in the search for the neuroimage. Finally, we are confronted by the voice in an expression of silencing and a body is evoked in its absen-

ce, a profusely mirrored impostor, fragmented body as the last alphabet.

In a gallery that is in itself a work of art, there are works installed that form part of narratives, which relate and contrast with each other, towards a collective construction of meaning. As in a syllabary that is learned and rewritten, we are invited to appropriate and compose meanings, to construct these memories and to participate in the creation of a multiple, common, aggregating and infinitely open language.